

*Cartoon by José Aristodemo Pinotti*

**JOSÉ ARISTODEMO PINOTTI**

O último número do jornal do Sindicato dos Hospitais do Estado de São Paulo (Sindhosp) publica em página central dupla o desenho de uma festa em Brasília, onde, simbolicamente, um dono de hospital carrega alegremente um pacote de dinheiro. A caricatura, que certamente se situaria melhor num jornal de oposição, criticando as últimas medidas adotadas na área da saúde, ilustra artigo em que se comemora a "importante vitória" obtida pelos hospitais privados.

A vitória festejada se traduz num preocupante retorno a uma prática para o pagamento dos prestadores de serviços que, com frequência, transferia a saúde para as páginas policiais dos jornais. A partir de março, os pagamentos dos atendimentos ambulatoriais dos prestadores privados voltaram a ser feitos diretamente de Brasília, via Banco do Brasil, de forma centralizada para todo o País. E mais: o envio das faturas será feito diretamente pelos prestadores, que preencherão um cartão magnético semelhante ao das loterias, sem intermediação das secretarias estaduais de saúde. Essa nova diretriz foi considerada pelo jornal o aperfeiçoamento máximo do sistema, levando à beira do êxtase os responsáveis pela publicação.

Para entender melhor esse "aperfeiçoamento" são necessários alguns dados. Em 1987,



## Um convite à fraude

com a implantação do Suds, a Secretaria da Saúde do Estado de São Paulo assumiu a gestão do sistema de saúde estadual e incorporou a estrutura do Inamps e suas funções. Até então, a fiscalização e o pagamento das faturas eram, como se pretende novamente agora, exercidos de forma absolutamente centralizada e informatizada pelo escritório do Inamps em São Paulo e Dataprev. Os recentes episódios envolvendo a Previdência permitem que deixemos de explicitar o que ocorria.

Com o Suds, o processo de fiscalização acompanhou a descentralização da Secretaria da Saúde. Os 65 escritórios regionais de saúde assumiram em suas áreas de abrangência o trabalho de controle e avaliação das contas de cerca de 400 hospitais e mais quatro mil prestadores de serviços. Essa sistemática foi, pouco a pouco, resultando num controle eficiente, que determinava a correção nos preenchimentos irregulares das faturas, exigindo seriedade e qualidade nas ações de saúde. Tentativas de fraude, quando detectadas, eram enviadas à autoridade policial competente.

Dentro desse processo, passou-se a pagar os valores corretos e alguns hospitais privados lucrativos chegaram a ter cortes de até 70% nas faturas apresentadas. Os recursos economizados com esses cortes foram usados em outros setores do sistema, propiciando melhorias consideráveis, principalmente em municípios de pequeno e médio portes, através do processo de municipalização da saúde. Com isso se ampliou significativamente a rede física e se

conseguiram importantes reduções em índices que apuram a morboletalidade da população.

Isso não significa que São Paulo tenha erradicado as irregularidades, mas a experiência demonstrou que o caminho seguido é, sem dúvida, o correto. A volta à centralização e a não fiscalização das faturas pela Secretaria da Saúde significará um convite à fraude e um aumento de até 50% nos gastos com o setor, via cobranças indevidas. E esse dinheiro (em torno de Cr\$ 2 bilhões/mês) será gasto, ou, mais precisamente, desperdiçado, sem nenhum benefício para o atendimento da população.

A centralização, mesmo que informatizada, gera grandes possibilidades de fraudes e irregularidades. Ao contrário, a descentralização insere a prestação do serviço num contexto bem menor, de pessoas que se conhecem e têm compromissos a ser cumpridos, e o controle por parte da sociedade se faz com maior eficiência. Na municipalização da saúde, mais de 560 municípios receberam recursos para manutenção dos sistemas locais por quatro anos, e não foi registrado nenhum caso de fraude.

Entendendo melhor o que significa o "aprimoramento" introduzido, compreende-se com clareza o motivo de tanto gozijo por parte do órgão oficial do Sindhosp.

É lastimável que a nossa população seja tão pouco informada sobre estas questões e não possa expressar conosco o sentimento oposto, não de tristeza, mas de indignação.

José Aristodemo Pinotti, médico, foi secretário da Saúde do Estado de São Paulo